(ANEXO 1) — 1 — Interior

TL6703 / 88 cópia

ICET 133/88

1. 17.11.87 — Pelas 16h, fui aproximado nos kios da Paroquia, pela senhora D. Maria do Carmo e um tal Miel, um major de Nangola de nome André. Logo a senhora perguntou-me acerca da minha mulher e dos meus filhos; que ela tinha recolhido algumas notícias acerca da minha família através do seu cunhado, Manuel Fátima, um individuo de Venilale. Após cerca de uns 40 m. de conversa, despediram-se de mim e prometeram que iriam conversar comigo, quando tiverem ocasião.

2. 21.11.87 — Cerca das 20h, os dois individuos, num Lajang, entraram pela parte de tras da residência do paroco/Motael, repentinamente e perguntaram por mim. Estava eu ausente naquele momento. Voltaram a saír. As 21 e 15m, voltaram cá de novo. Eu estava na casa de um vizinho, a uns 15m da residência. Como os rapazes responderam-lhes que eu ainda não chegara, tornaram a sair e deram umas cinco voltas de carro à Igreja Paroquial e foram-se embora.

3. 22.11.87 — As 20h e 30 m, entraram novamente os dois individuos na residência paroquial, quando o Pároco como o seu vigário e cooperador estavam todos ausentes. Eu fui ao encontro dela muito calmamente. Ela disse-me que queriam falar um pouco comigo. Metemo-nos no carro e fomos parar na casa dela, em Toko Baco. A conversa inicial foi mais assim uma conversa a tipo de moral. Tocamos um pouco da família. Para depois entrarmos, precisamente, naquilo que eles pretendiam: O meu trabalho clandestino. Não neguei. Fiz saber a eles a razão do porquê do meu trabalho até à presente data. Apresentei a eles, a proposta do M/Comp. Xanana Gusmão, em acabar este conflito, por vias pacíficas, ou seja pela via político-diplomática, em que os resultado final, venha beneficiar tanto ao povo irmão da Indonésia como o Povo de Timor Leste. Para isso, X. pediu ao Sec. Geral da ONU a fim de se encontrar com, a [illegible] dentro do território, c/ Delegações da ONU, de Portugal, da Indonésia, da Austrália e de outros países da Asea, visto que Timor Leste está inserido no bloco da ASEAN, é do interesse da Asea e assegurar a estabilidade na Área. P/ maneiras, mostraram desinteresse neste ponto. O meu ponto de vista expre

- RELATÓRIO DO [illegible]

Cópia

sentado a eles é: Todo o meu interesse e o meu empenho é criar uma paz verdadeira em Timor.

Para tal, pedi-lhes p/ não acabar de vez com este contacto com Xanana. Trouxeram-me outra vez cerca das 23H e 15m e deixaram-me uns 70m longe da residência para não dar nas vistas. Disseram-me no momento em que estávamos a conversar o Pantima e o Governador têm conhecimento.

4. 24-11-87 - Vieram-me buscar novamente, às 20h. Mostraram-me os meus documentos que eu tinha enviado a Xanana. Confessou-me o major que o individuo que tem contactado comigo foi o agente enviado por ele, precisamente p/ acompanhar o meu trabalho de clandestinidade. Voltei para a paróquia às 23H e 30m. Deixaram-me longe da casa a uns 300metros. Insistiram-me para eu dizer-lhes me entregou algo de mim. Não acreditam que eu pare aqui e lhes não. Só é o Bispo cá, ou o Chico Lopes, ou os Orsini. Eu sempre respondi-lhes que tinha agora ido para lá.

5. 26-11-87 - Vieram-me buscar às 19 horas e trouxeram-me outra vez às 21 horas. Desta vez, só para me comunicarem que o meu caso já foi exposto ao Pantima ontem quando veio de Bali e ele mandou prosseguir a investigação do caso, entregue ao major Andri. Perguntaram-me que é a minha ideia neste momento. Eu respondi-lhes que se acaso trabalharem para a paz, em colaboro convosco. Para mim, todos tiveram os seus erros. Portugal por o não ter feito porque criou a confusão e largou tudo. Os partidos políticos porque não tiveram unidade e a Indonésia entrou porque não interveio como agente de paz, mas sim juntamente veio com todo o seu arsenal de guerra que provocou a reacção, dividindo o povo, fugindo uns para a montanha. Agora é necessário que procuremos uma via para podermos encontrar a paz e, em conjunto, reconstruir o Timor das cinzas. Ao despedir-me, disseram-me para escrever uma carta a Xanana e ir entregar-lhes no dia 29/11/87.

6) 29.11.87 - Cheguei lá pelas 19 horas. Não concordaram muito c/ o conteúdo da carta. Sugeriram-me uns acertos para escrever. O fundo é aliciar a sindicância. Pediram-me para voltar lá no dia 2-12-87. O Tema da conversa desta vez é sobre como readquirir o bom nome da Igreja Católica em Timor, uma vez que é condenada em parte pela Indonésia como o prolongamento desta guerra. E eu, segundo eles, fui um dos que entregou o bom nome da Igreja em Timor. O fundo deles é eu ser um agente deles para poder descobrir o que os padres fazem, ativ. desta guerra.

3-12-87 = Fui de Taxi à casa de Maria de Carmo levar-lhe a carta p/ ser enviada a Vienna, Preço 18 c 45 m. Tornei-me entrar uz preço 19 c 45 m. Distancia longe de residência uns 500 m. O Signal deu-me 10.000 (dez mil) para o Taxi. Nº 2º uz que fui a casa de Carmo deu-me 20.000 (vinte mil)

N.B. A foto seguirá.
Logo.